

Febre oropouche: cuidado, sem alarde

Com cinco casos no Vale do Ribeira, especialistas avaliam que é questão de tempo até chegar à região, mas não há motivo para alarme

DANIEL RODRIGUES
DA REPÓRAGEM

Com as recentes confirmações de cinco casos de febre oropouche no Vale do Ribeira e duas mortes na Bahia, as primeiras no mundo, os especialistas em infectologia alertam para chegada da doença à Baixada Santista. Apesar disso, por enquanto não há motivo para pânico: mesmo sendo confundida com a dengue e outras doenças transmitidas por mosquitos, ainda não há evidências que ela possa ser tão preocupante ou fatal. Porém, isso não quer dizer que a atenção deva ser deixada de lado.

A Secretaria Estadual da Saúde informou que até ontem havia cinco casos de febre oropouche confirmados no Estado, todos do Vale do Ribeira, sendo quatro de Cajati e um em Parquera-Açu. A Pasta também disse que todos os pacientes já foram curados. O médico infectologista e professor de Medicina Eivaldo Stanislaou explica que é possível que haja casos da doença na Baixada Santista.

"Temos essa doença restrita à região de florestas, à região amazônica, mas ela vem descendo para o Sul e o Sudeste. Se está descendo, é sinal de que ser humano está trazendo o vírus (...) É um risco concreto que a febre chegue na Baixada Santista, mas isso vai ser acompanhado e monitorado".

Stanislaou explica que o homem é o grande proliferador da doença. Segundo ele, no ambiente selvagem e silvestre, quem mantém



Dos cinco casos confirmados no Vale do Ribeira, quatro são em Cajati (foto); a doença é transmitida pelo mosquito *Culiscolex paraensis*

o ciclo do vírus no mosquito são os animais silvestres. Porém, quando o homem entra na floresta e vai para as cidades perto da mata, há possibilidade do ciclo urbano da febre oropouche acontecer.

Além disso, a manifestação clínica da febre oropouche é parecida com a da dengue, explica Stanislaou. Porém, em casos excepcionais, a doença pode causar infecção do sistema nervoso central e evoluir para me-

ningoencefalite. "Por isso tivemos esses casos, infelizmente, que foram a óbito, mas os primeiros a serem descritos", afirma.

Stanislaou contou ainda que a febre oropouche é uma arbovirose, ou seja, uma infecção viral transmitida por insetos e conhecida desde o final da década de 1950. Por conta do aumento de casos recentemente, há uma oportunidade de se estudar melhor o vírus, que, segundo o infec-

tologista, é negligenciado e pouco conhecido.

TRANSMISSÃO E SINTOMAS

O médico do Instituto de Infectologia Emílio Ribas Leonardo Weissmann explica que a febre oropouche é semelhante à dengue. "É transmitida principalmente pela picada de mosquitos infectados, como o *Culiscolex paraensis*, popularmente conhecido como marum. O vírus entra no organismo humano pela saliva

do mosquito".

Os principais sintomas são febre alta, dor de cabeça, dor nos olhos, dor muscular, dor nas articulações, náuseas e vômitos. "Em alguns casos, pode ocorrer uma erupção cutânea. Se a doença se agravar, pode levar a complicações como inflamação no cérebro (encefalite), embora isso seja raro". O risco de vida, até o momento, parece ser baixo, deviar de caso a caso.

PREVENÇÃO

O infectologista Leonardo Weissmann conta que não há um tratamento específico e que o uso de medicamentos deve ser feito somente para aliviar sintomas como febre e dor. Em casos graves, pode ser necessário suporte hospitalar. Para se prevenir da doença, Weissmann afirma que é importante evitar o contato com os mosquitos transmissores, deixando de ir em áreas onde haja incidência da doença e minimizar a exposição às picadas. "Recomenda-se usar roupas que cubram a maior parte do corpo e aplicar repelente nas áreas expostas da pele. Também é essencial manter a limpeza de terreno e locais de criação de animais, recolher folhas e frutos que caem no solo, e instalar telas de malha fina em portas e janelas".

DIFERENÇA

A doença pode ser confundida com a dengue, pois ambos causam sintomas semelhantes, como febre e dores no corpo. No entanto, o infectologista Leonardo Weissmann conta que a dengue costuma causar mais dores nas articulações e pode levar a sangramentos, o que é menos comum na febre oropouche. "Para diferenciar as duas doenças, são necessários exames laboratoriais específicos que identifiquem o vírus".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Cidades Caderno: A Pagina: 3